

Proletários de todos os Países: UNI-VOIS

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A UNIDADE NÃO É FÁCIL MAS É NECESSÁRIA

As comemorações da data de 31 de Janeiro, mostraram-nos, infelizmente, que todos aqueles que vêm numa República democrática a melhor forma de governo, não soberam dar-lhe aquele carácter de unidade que o momento exige, deixando-se envolver em pequenas querelas que só o adversário salazarista beneficiam.

A história do movimento revolucionário de 31 de Janeiro de 1891 ensina-nos que uma das causas principais da sua derrota foi a ausência de uma unidade firme entre aqueles que então desejavam mudar o regime. A experiência do passado devia ser aproveitada pelas democracias de hoje, por todos os que desejam uma mudança de regime para que o povo possa escolher em Eleições Livres a forma de governo que deseja. Daí a terem seguido bem na sala do Coliseu do Porto, no passado dia 31 de Janeiro, as palavras do Dr. Fernando Lopes ao dizer:

«Faço um apelo à unidade de todos os liberais republicanos e democratas, pois, da sua união nasce a compreensão entre os homens de boa vontade. A unidade é, antes de mais nada, um conjunto de forças e de vontades, cada uma delas com as suas concepções políticas e

A SACOR TEVE QUE DAR AUMENTO

Foi uma indignação geral quando, depois da festa do Natal, com a presença do «ministro das promessas», Veiga de Mocado, mais de 500 operários para empregados verificaram que não haviam sido anunciados os aumentos que esperavam e pelos quais já muito lutavam.

Logo no dia seguinte, com a ajuda dos engenheiros, começou circular um abaixo assinado à administração a pedir aumentos, que se espalhou rapidamente.

De nada serviram as tentativas dos burocratas (quase que houve pânico) em darem cabo dos listos de assinaturas, apesar de ainda terem utilizado algumas. De nada serviram as ameaças da administração de que teria de despedir 500 operários para conceder os aumentos. Foram enviados à administração cartas com recortes de jornais sobre aumentos já concedidos por outras empresas. E os operários não desistiram a disposição de ir em para a greve.

Foi tudo isto que levou a administração da SACOR a conceder os aumentos: 20 a 25% para os operários, e 15 a 20% para os empregados e empregados.

O que prova este belo exemplo de unidade e combatividade dos operários e empregados da SACOR? Que É POSSÍVEL, MESMO CONTRA A POLÍTICA DO GOVERNO DE SE OPOSIÇÃO A AUMENTOS DE SALÁRIOS, MESMO CONTRA O TERROR, AS AMEAÇAS E AS TENTATIVAS DE DIVISÃO, LUTAR E CONQUISTAR MELHORES SALÁRIOS E ORDENADOS.

AMNISTIA, DESEJO DE TODOS OS POVO

Na medida em que sente que as forças populares se organizam e se preparam para novas lutas, o governo amnistia e repressões e tentativas de voltar a fazer de novo as vítimas da sanha e da vigilância constante dos espiões. Altas horas de noite, escondidos entre as árvores, forças da GNR da legião e da PIDE armadas com pistolas saíam à estrada a identificar os transeuntes que passam em Beja, Borja, Estremoz, Alameda, Barcelos, e outros locais. Tem sido lugar prisioneiros em Avis, Benavite, Aljustrel, S. Domingos, Barreiro, Ilhavo, Feife, Lisboa, etc.

Os longos interrogatórios, as incompreensões, as torturas, os castigos tornam-se hábito nas prisões salazaristas e nos abanos da PIDE. Muitos presos com o saúde abalada por longos anos de calvário são conservados sem julgamento durante anos como Georgi Ferreira, Maria Angel, Carlos Costa e Rolando Verdade. Outros são mantidos ilegalmente presos, pois há muito tempo não se vêem. Ivete Cunhal, capitão Henrique Galvão, Francisco Miguel, Manuel Rodrigues do Silva, Joaquim Campino e tantos outros.

táticas de acção próprias, com os seus dirigentes a lumbem com as suas posições de classe, isto significa que não é fácil realizar a unidade. Para chegar a ela é preciso primeiro encontrar um ponto ou vários pontos comuns para a acção comum, com vista a atingir-se determinado objectivo igualmente comum.

No momento actual, a unidade que o nosso povo precisa de ver realizada rapidamente é a coligação numa verdadeira frente eleitoral, única forma, segundo nós, de se obterem sucessos concretos nas próximas eleições para deputados.

Mas isto não é tudo. Por vezes, o mais difícil é chegar-se a acordo quanto à tática, às formas de organização a pôr em prática, tanto para o conjunto nacional, como para esta ou aquela região, cidade, etc.. A composição dos organismos de unidade também nem sempre é fácil. E como tudo isto é difícil, muitos vezes, comunistas e não comunistas, escolhem o caminho fácil de se manterem agradados com por cento às suas posições, provocam querelas, em vez de procurarem o caminho das concessões mútuas, até ao possível, sempre com os olhos postos na unidade.

Foi isto que se verificou durante as comemorações do dia 31 de Janeiro no Porto. Em vez de comemorações com a participação de todos aqueles que aspiram a uma República democrática, assistiu-se a combates entre democratas menos conservadores e de esquerda com comemorações separadas. Que resultado de tudo isto? Resultou que nem um nem outro acto comemorativos tiveram aquele brilho e aquele entusiasmo a espírito combativo habitual.

É justo, pois, considerar como prejudicial aos democratas, aos anti-salazaristas, ao povo, o espírito de desconfiança que triunfou entre os democratas e republicanos do Porto a quando das comemorações do dia 31 de Janeiro.

A unidade pressupõe a necessidade da existência de um espírito de compreensão de todas as partes a um parente certas posições desta ou daquela parte. A nossa responsabilidade é a de aproximar a posição política deste ou daquele democrata (não se deve esquecer que acusamos a clandestinidade e que o alvo da nossa acção são os comunistas) para ver se podemos ou não participar nesta ou naquela acção, a nossa resposta, dizíamos, deve ser só uma: DESEJAMOS A UNIDADE A BATE-MOS.

Nós, comunistas, batalhamos pela unidade de tudo que deseje uma mudança de governo, porque estamos convencidos de que só por este caminho se conseguirá a mudança, porque, por outro lado, estamos convencidos que esse é o desejo da maioria do nosso povo. Nada mais nos move na nossa luta do que a travemos pela unidade que se quer o povo.

Continua há meses presa do novo ambientamento a Comissão Central do Movimento Nacional Democrático, aguardando a decisão do Conselho de Estado. Mas agora está para ser julgados 52 jovens do MUD Juvenil.

Mais outra exposição foi entregue no Assembleia Nacional de Coimbra. Belo exemplo para todos aqueles católicos a quem por amor ao seu semelhante compete prestar ajuda a todos os que sofrem injustiças. Ele mostra a situação de Coimbra, de uma cidade interessada não só católicos como elementos do claro neste humano pedido de amnistia.

Seria de desejar que outros pedidos de amnistia se seguissem. Dezenas de milhares de assinaturas levamos até dentro dos ministérios e do Assembleia Nacional este grito veemente desejo de todo o povo: Amnistia! Amnistia! Amnistia!

POVO ESPANHOL

caminha para a sua libertação

Nos últimos 3 anos, manifestações dos estudantes, greves da classe operária e outros foram reprimidos e a luta do povo espanhol pelos seus interesses e contra o odiado regime franquista, têm sido lugar em Espanha.

Recentemente em Barcelona os valentes estudantes, transformando uma manifestação organizada pelos falangistas para apoiar os contra-revolucionários húngaros, numa manifestação contra o regime franquista, em nome da liberdade para os fascistas húngaros, os estudantes pediram liberdade para o povo espanhol.

Por outro lado, mais uma vez o povo de Barcelona, unânime, respondeu pela não utilização dos transportes colectivos na cidade e arredores à tentativa de novo aumento do seu preço. Solidarizando-se com Barcelona Madrid resolveu não se servir durante dois dias dos transportes colectivos.

A unanimidade do povo de Barcelona e de Madrid num problema como o citado, é uma demonstração brilhante do elevado nível de descontentamento activo que o

povo espanhol atingiu e mostra, ao mesmo tempo, que o regime franquista se desagrega passo a passo.

Naturalmente que a luta do povo espanhol e dos protestos do povo espanhol e da sua valente juventude, o governo de Franco tem resistido com o máximo de repressão, prisões, deteções, mas também tem sido obrigado a satisfazer reivindicações e a recuar.

Assim, devido ao movimento de solidariedade de todos os povos espanhóis para com os estudantes de Madrid presos por participarem nas manifestações do ano passado, à petição enviada ao governo assinada por dezenas dos maiores valores da intelectualidade espanhola, como Gregório Marañón e Ramón Menéndez Pidal e pelos estudantes, foram postos em liberdade e reintegrados todos os que tinham sido presos.

Porém, recentemente foram expulsos 16 estudantes da Universidade de Barcelona. Os estudantes portugueses que tão belos exemplos de coragem e de patriotismo ainda há pouco na luta pela defesa dos seus direitos, não deixaram de prestar a sua solidariedade aos estudantes de Barcelona, pedindo a sua readmissão e a libertação dos seus colegas em prisão intermédia de sua embaixada em Lisboa, Estrada de Benfica, 39.

Imanizados nos mesmos anseios de liberdade, o povo espanhol e o povo espanhol reforçaram os seus laços de solidariedade e a sua amizade na luta comum contra o regime fascista. Assim será mais fácil para ambos.

OS OPERÁRIOS DA ABELHEIRA RECORREM À GREVE

Censurados com enganosas promessas de aumento de salário, que há 15 meses a direcção da empresa lhes vinha fazendo, os operários e operárias da fábrica de papel da ABELHEIRA resolveram paralisar o trabalho.

Assim no dia 4 de Fevereiro, o turno que devia começar às 6 horas da manhã, totalmente apoiado pelos seus companheiros do turno que acabava de largar a sua hora não pegou no trabalho. Os senhores ingleses donos da empresa, tal como têm feito várias vezes na sua fábrica Nixtel do Porto, apenas responderam uma resposta por escrito aos justos e humanos pedidos dos operários: CHAMAR A G.N.R. E A PIDE QUE APARECERAM EM FORÇA PARA INTIMIDAR OS OPERÁRIOS. Apesar desta provocação OS OPERÁRIOS SÓ PEGARAM NO TRABALHO DEPOIS DE AS FORÇAS REPRESSIVAS LHEM TEREM GARANTIDO QUE O AUMENTO SERIA CONCEDIDO.

Os valentes operários e operárias devem estar alertas às promessas e ameaças que ainda lhes continuaram a fazer e se o aumento não vier entrar em acção imediata a instilar na luta fazendo novas paralizações.

o mercado comum e a crise

Sempre que os grandes países capitalistas se vão unindo em grupos e que eles procuram resolvê-la à custa dos países menos desenvolvidos exportando para eles os seus produtos, a produção agrícola e industrial é fácil compreender interesse que os imperialistas têm em que a produção desses países não se desenvolva.

Porque, quando a liberdade de comércio entre os seus países a beneficiar. Eles arrecadam lucros fabulosos à custa da ruína da produção e comércio desses países, entre os quais se nos incluem.

Isso vem sucedendo há alguns anos, em que o governo de Salazar, entrado até à raiz dos cabelos na política aventureira que quer a liberdade de comércio entre os seus países, tem aberto de par em par as portas dos nossos mercados sem atender os justos pedidos, queixas e reclamações dos nossos industriais, lavradores e comerciantes. Isto continuará a suceder ainda em maior escala no futuro se o governo resolver aceder à entrada de Portugal na zona de permutas comerciais da Comunidade Económica Europeia, tem aberto de par em par as portas dos nossos mercados sem atender os justos pedidos, queixas e reclamações dos nossos industriais, lavradores e comerciantes. Isto continuará a suceder ainda em maior escala no futuro se o governo resolver aceder à entrada de Portugal na zona de permutas comerciais da Comunidade Económica Europeia, tem aberto de par em par as portas dos nossos mercados sem atender os justos pedidos, queixas e reclamações dos nossos industriais, lavradores e comerciantes.

O atraso técnico da nossa agricultura e indústria — esta ainda hoje privada da sua energia eléctrica — é uma das causas principais da nossa situação. Mas, mesmo assim, a situação não é tão desesperada como se apresenta. A situação económica da Europa — colocariam o nosso país, a ter lugar a hipótese considerada, numa situação já mais verificada e em que as dificuldades para a produção e comércio nacionais se multiplicariam.

«Clina difícil» chamou o ministro das Finanças no dos dias que se aproximam, a situação extremamente delicada.

GREVE DOS ESTALEIROS DE VIANA

A empresa dos estaleiros do Viana do Castelo em vez de dar aos seus operários a tradicional gratificação do fim do ano, ainda procurou obrigá-los a trabalhar horas extras e a trabalhar até ao dia de Ano Novo que lhes havia sido prometido. Indignados com esta exigência, centenas de trabalhadores fizeram greve durante as duas horas.

Pejante a sua firmeza a direcção da empresa teve de recuar nos seus intentos.

RECENSEAMENTO!

Estamos a poucos dias do termo do recenseamento. Esses dias deverão ser aproveitados ao máximo para se recensearem e ajudar a recensear novos milhares de futuros eleitores. Até ao último dia 15 de Março de 1957, os cidadãos devem apresentar-se aos comissários recenseadores para ajudar à realização de tão importante tarefa.

Após o dia 15 de Março novos passos a necessário dar: verificar-se se realmente foram inscritos pedindo os respectivos certificados de recenseamento. Depois disso, o dia 15 de Março, iremos às eleições. É indispensável, pois, que todos se recensem e ajudem outros a fazê-lo.

assim classificou o ministro da Presidência a do nosso País neste assunto. E porquê? Porque a maior parte do nosso comércio com o estrangeiro se faz com os países em desenvolvimento. Segundo o ministro, o nosso País não se encontra numa situação se o governo não fizesse ouvidos de mouco aos apelos e pedidos dos nossos industriais, comerciantes e lavradores para que se assegurem as nossas relações comerciais como todos os países do mundo sem qualquer distinção. Então já não haveria que recar represas, restrições e barreiras que os desenvolvimento poderia provocar na nossa economia, para não falar no aspecto político, pois como disse o ministro das Finanças «... a organização do mercado comum pressupõe a existência de órgãos dotados de poderes supra nacionais». E sabe-se o que isto significa? São mais limitações à nossa independência e soberania nacionais.

Neste belo sem saída em que se colocou, pois qualquer que seja a sua decisão as repercussões desta decisão terão de ser suportadas pelo nosso povo. Segundo o Dr. Marcello Caetano, quem é que o governo tem a opção, a inclinação, tem, não campo de intervenção dos comunistas americanos (Eisenhower) foi bem claro na sua mensagem no Congresso onde declarou que a criação do Mercado Comum interessava mais aos interesses dos países industrializados. Segundo o jornal «O Século» de 16-12-56, «por motivos de carácter político, pretendem que a zona de permuta livre se torne uma zona de comércio livre e não de comércio livre». E o mesmo jornal deixava bem claro que a visita de Isabel II de Inglaterra estaria relacionada com a necessidade de apagar dificuldades que haviam surgido sobre este assunto e de desanuviar «um futuro carregado de nuvens».

Em campo nacional? Só a grande burguesia com ligações e compromissos com os monopólios internacionais pode defender tal política. A burguesia nacional, a pequena, a média burguesia, a burguesia de pequena escala tem uma política de amplas relações comerciais com todos os países do mundo. A verdade é que tudo isto não faz mais do que servir os interesses da grande burguesia governante, para que novas camadas de burguesia nacional que ontem a apoiavam, se desliguem de tudo. Tudo isto é uma tentativa de dividir a unidade e a solidariedade entre os trabalhadores e a população interessada numa política que tenha em conta os interesses da Nação. É isto que se quer de todos os trabalhadores e de oposição anti-salazarista.

